

# REVISTA DE EDUCAÇÃO E ENSINO

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

PEDAGOGIA, SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E INSTRUÇÃO PUBLICA

Sob os auspícios da Direcção Geral da Instrucção Publica  
do Estado do Pará

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SENHORES PROFESSORES PRIMARIOS

Director:—OCTAVIO PIRES

## Summario

— A NOSSA INSTRUÇÃO PUBLICA NO ULTIMO CONGRESSO DO ESTADO.

— OBRIGATORIEDADE E UNIFORMIDADE DO ENSINO.

**SCIENCIAS**—GEOLOGIA (*Continuação*), por A. Geikie.

**LITTERATURA**—JANUS (fragmentos), por Odorico Lemos.

**INSTRUÇÃO PUBLICA**—EXERCICIOS MILITARES.

**NOTICIARIO**—

## ASSIGNATURAS

	Semestre	Anno
Capital.....	6\$000	10\$000
Interior e Estados.....	7\$000	12\$000

As assignaturas são pagas adiantadas e recebem-se na Livraria Bittencourt,  
á rua Quinze de Novembro

*Escriptorio da Redacção:—Livraria Bittencourt*

Correspondencia—Caixa do Correio, 312  
Pará

ESPECIALIDADES  
DA  
**Gasa de Pekin**

*Talheres de Christofle e de prata electrica, trinchantes, conchas e colheres para sôpa e chá*

**Chás—PEROLA E PRETO**

Objectos de prata electrica.  
Tapetes e alcatifas para passeadeiras e fóro de soalho.  
Machinas para desarrolhar garrafas com a maxima rapidez.  
Sorveteiras americanas.

**MACHINA PARA GELAR**

Rica colleção de candieiros electricos e belgas, para sala de visitas (novidade)

**FILTROS DE CARVÃO VEGETAL**

Machinas para fabricação d'agua gazoza — Capachos de côco e de arame  
Depositos para kerozene — Esteiras japonezas para fóros de salas, alcôvas e gabinetes

**CASA DE PEKIN**

DE

**João Costa & C.<sup>a</sup>**

92—RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO—92

**Café Quinado "Navegantes"  
PEITORAL LOBELIANO**

Esses dois remedios distinctos pelas suas admiraveis curas, que são contadas por quantas pessoas que d'elles teem feito uso.  
O **CAFÉ QUINADO**, (Licoôr e Pilulas) faz maravilhosamente desaparecer as sezões por mais teimosas que sejam.  
O **PEITORAL LOBELIANO** desafia a mais pertinaz bronchite, ou qualquer tosse que resista ao seu effeito curativo.

*Preparado unicamente na Pharmacia NAVEGANTES*

DE  
**NAVEGANTES PONTES & COMP.**

50—Rua 15 de Novembro—50  
—PARÁ—

Tr. do Dr. Moraes, 26 e 28

**ATHENEU PARAENSE**

Estabelecimento de Instrucção Primaria e Secundaria

SOB A DIRECÇÃO DE

**Raymundo Bertoldo Nunes**

Continua a receber alumnos Internos, Semi-internos e Externos



**Recebem-se annuncios**

**Livraria "Bittencourt"**

15, Rua Quinze de Novembro, 15

**Novo Primerio Livro de Leitura**, pelo professor AUGUSTO PINHEIRO, approved pelo Conselho Superior da Instrucção Publica do Estado do Pará, e mandado adoptar nas escolas do mesmo Estado. E' um bonito volume impresso em magnifico papel, intercalado com finas gravuras, contendo 144 paginas, cartonado 1\$000.

**Grammatica Portugueza**, de FELIPPE PINTO MARQUES. Um volume cartonado 1\$500 réis.

*Magnifico sortimento de livros para Instrucção Primaria e Secundaria encontra-se sempre na*

Livraria «Bittencourt»

**Aulas particulares**

Augusto Ramos Pinheiro, professor publico da 1.<sup>a</sup> escola do 2.<sup>o</sup> districto d'esta capital lecciona as materias do curso primario na casa de sua residencia, á travessa Benjamin Constant, n.<sup>o</sup> 161, das 2 ás 5 horas da tarde.

**Cursos do professor J. de Brito Bastos**

Est. de S. Jeronymo, 44

**Curso Particular**

FRANZ—Terças, quintas e sabbados, das 8 ás 9 da manhã.

ARITHMETICA—Segundas, quartas e sextas, das 8 ás 9 da manhã.

ALGEBRA—Terças, quintas e sabbados, das 9 ás 10 da manhã.

GEOMETRIA—Segundas, quartas e sextas, das 9 ás 10 da manhã.

TRIGONOMETRIA—Quartas e sabbados, das 10 ás 11 da manhã.

**Cursc Livre—Lyceu**

ARITHMETICA—Terças, quintas e sabbados, das 3 ás 4 da tarde.

ALGEBRA—Segundas, quartas e sextas, das 3 ás 4 da tarde.

GEOMETRIA—Terças, quintas e sabbados, das 4 ás 5 da tarde.

TRIGONOMETRIA—Segundas e sextas, das 4 ás 5 da tarde.

**PHARMACIA BAPTISTA CAMPOS**

N'este moderno e bem montado estabelecimento avia-se receitas, com promptidão e aceio, a qualquer hora do dia e da noite, com drogas chimicamente puras, importadas directamente dos melhores laboratorios da Europa.

Vende tambem todas as especialidade pharmaceuticas de todas as procedencias.

Prepara-se e vende-se o magnifico xarope de **Jamaracará e Angico Composto**, que cura radicalmente: **Catarrhos, Tosse pertinaz, Bronchites, Defluxo, Rouquidão, Coqueluche** e todas as molestias do apparelho respiratorio.

Os **Pannos, as Sardas, as Manchas, Vermelhidão do rosto, Espinhas** e outras muitas alteraçoes da pelle, curam-se effizantemente em poucos dias, com o verdadeiro

**LEITE ANTEPHELICO**

PREPARADO NA

**PHARMACIA BAPTISTA CAMPOS**

DE

**J. Torres & C.<sup>a</sup>**

Estrada Conselheiro Furtado—Canto da Travessa S. Matheus—72—PARÁ



**Recebem-se annuncios**

# REVISTA

DE

# EDUCAÇÃO E ENSINO

DIRECTOR — OCTAVIO PIRES

VOL. IV

PARÁ — BRAZIL

OUTUBRO DE 1894



## A nossa Instrucção Publica no ultimo Congresso do Estado

II

PARÁ, OUTUBRO DE 1894.

Começamos hoje a nossa analyse ao projecto de Lei para a Instrucção Publica do Estado, fazendo uns ligeiros reparos sobre o emprego do art. e §§, no principio do TITULO II.

Para facil comprehensão e retenção na memoria, todo e qualquer art. de lei deve ser claro, preciso e completo. *Claro*, para ser facilmente assimilado por todas as intelligencias; — *preciso*, isto é: não conter palavras de mais nem de menos, porque aquellas tornam o art. diffuzo e estas obscurecem-no; — *completo*, afim de evitar o mais possivel as necessidades de interpretações, em que as opiniões divergem, trazendo sempre embarços á execução da Lei.

Os §§ são uzados ou para esclarecer o art. ou para addicionar-lhe disposições que a elle se prendem, mas que podiam deixar de existir. Ora, vejamos, agora, se o art. 4.º e seus §§ preenchem estas condições.

*Art. 4.º — O ensino publico do Estado distribue-se: (E segue-se o § 1.º).*

Estará completo o art.? — Não, porque não se sabe ainda *onde* ou *como* vae ser feita a distribuição, o que só se encontra nos §§ que seguem.

E estarão bem empregados estes §§? — Também não, primeiramente porque o art. não reclama esclarecimento e sim o seu complemento; e em segundo logar, porque estes §§ não addicionam disposições que podessem deixar de existir: ao contrario, ellas são necessarias ao art.; são, pois, disposições CAPITAES, ESSENCIAES, que devem existir no corpo mesmo do art.

É, portanto, correcta a suppressão dos §§, assim como a redacção do art. do modo seguinte:

*Art. 4.º — O ensino do Estado distribue-se:*

A — *O ensino primario:*

I — *Nas escolas elementares;*

II — *Nas escolas primarias integraes;*

III — *Etc.*

B — *O ensino secundario:*

I — *No Lyceu Paraense;*

II — *Nos estabelecimentos semelhantes ao precedente que o transmittirem aos seus alumnos.*

C — *O ensino profissional techino e scientifico:*

I — *Na Escola Normal;*

II — *Nos cursos annexos do Lyceu Paraense;*

III — *Etc.*

E assim ficará o art. 4.º *claro, preciso e completo.*

\*  
\* \* \*

Na distribuição das disciplinas lectivas, das no § 1.º do art. 5.º ás escolas elementares, notamos exigencia em duas materias e deficiencia em uma d'ellas. Assim, diz o citado § na letra —c— :

— *Ensino pratico da lingua nacional, especialmente a construcção de phrases e a orthographia. Grammatica lida e depois decorada e largamente explicada. Analyse lexicologica e logica.*

Se compararmos o que aqui se exige, em uuu curso de tres annos (pois que o curso das escolas elementares é sómente de 3 annos, segundo reza o mesmo § 1.º) — com o que está detalhado mais adiante para um curso de seis annos (pois o curso das escolas integraes é de 6 annos, conforme o § 2.º) — verificaremos que nenhuma differença ha; isto é, que se requer o estudo da Grammatica inteira tanto nas escolas elementares como nas integraes. Com effeito, para que um alumno do ensino elementar possa analysar logicamente, é mister conhecer noções ao menos de syntaxe: — ora, o estudo d'esta parte grammatical e da analyse relativa acha-se marcado no curso superior, no ultimo curso, portanto, das escolas de entrancia, isto é, no 5.º e 6.º anno do tirocinio primario integral. Como é, pois, que se o exige no 2.º e 3.º anno apenas das escolas elementares?... Será isto possivel?...

O Reg. vig. da instrucção primaria diz em seu art. 51.º:

— 4.º *Ensino pratico da lingua materna, merecendo sobre tudo a attenção a construcção CONCRETA das phrases e a orthographia.*

É, com algumas trocas apenas de synonymos, o mesmissimo que diz a citada letra —c—, em sua primeira parte, onde devia ter parado o le-gista. Tudo o que se segue depois do 1.º ponto, na disposição —c— do § 1.º, art. 5.º da Lei projectada, deve desapparecer por exigente e impossivel, attendendo-se: 1.º a idade do alumno. — 2.º

o seu desenvolvimento intellectual,— 3.º o estudo de outras materias que roubará, com certeza, muito do tempo que podia ser consagrado á lingua patria, e 4.º, finalmente, o nosso clima pesado, fatigante, que não consente a applicação longa e aturada de alumnos em cuja idade a agitação, a distracção, a volubilidade, etc., são naturalissimas.

O mesmo, *mutatis, mutandis*, pódemos dizer com referencia ao disposto na letra —f— do mesmo §:

— *Geographia physica, politica e economica do Brazil e da America. Noções sobre as outras partes do mundo. Principios elementares de cosmographia.*

É demais a geographia physica e economica da America. No Reg. vigente esta materia consta de:

— *Geographia e noções geraes da geographia do Brazil; ideia geral da geographia universal.*

É certamente muito menos exigente, resentindo-se apenas da falta de noções de cosmographia, para que o alumno não fique inteiramente hospede a respeito do nosso systema planetario e dos phenomenos mais communs, quotidianos, póde-se dizer, que se passam á sua vista, no espaço, ou completamente despercebidos ou ligados a ideias supersticiosas de doendes e *quijandos*. Nós redigiríamos, pois, esta parte, do modo seguinte:

— *Definições geraes de Geographia; Geographia physica, politica e economica do Brazil, especialmente do Pará, e particularmente do Municipio; ideias geraes sobre a Geographia universal physica e politica e sobre cosmographia.*

Estas ideias geraes tem por fim fazer o alumno conhecer os relevos mais importantes do nosso globo, a sua divizão politica mais geral em differentes paizes ou nações e a sua collocação no nosso systema planetario, com explicações elementares sobre eclipses, atmospheria, vento, nuvens, etc. É o que ha de mais essencial e necessario, para um estudo primario apenas elementar, e pódemos dizer que não é pouco.

Sendo o projecto de Lei exigente em suas disposições —*c*—*e*—*f*—, foi entretanto difficilissimo na da letra —*e*—.

— *Desenho linear geometrico e noções sobre medição das áreas e capacidades.*

Já tivemos occasião de chamar a attenção dos nossos legistas, para o estudo do Desenho entre nós, e mais uma vez vamos tocar n'este assumpto, lastimando que a mesma indifferença de outr'ora continue a lavrar hoje relativamente á esta materia.

Nos paizes onde a instrucção primaria tem adquirido a maior latitude possivel, como na Alemanha, na Suissa, na Belgica, na França, nos Estados-Unidos do Norte, etc., o Desenho é uma das disciplinas que mais preoccupa os legisladores e os mestres. É materia obrigada na educação primaria completa e necessaria na pratica futura de qualquer dos ramos da vida humana. O moço que, n'estes paizes, não possuir conhecimentos ao menos elementares de Desenho, póde dizer que não tem a sua instrucção primaria completada. Aqui, entretanto, não obstante fazermos timbre por imitar as nações mais cultas, temos ligado muito pouco apreço ao ensino do Desenho.

Ora, eis uma Lei que se discute, que se analysa, que se elabora para a instrucção publica de um Estado, e que, na sua parte relativa ao curso primario, apenas incluye o *desenho geometrico*, isto é: uma parcella da vastissima arte do Desenho, e essa mesma subordinada á execução com instrumentos!!...

O Desenho divide-se em differentes ramos: — *linear, ornatos, figuras e paizagens*; o linear póde ser *geometrico*, de *perspectiva*, de *machinas*, de *architectura*, etc.; o de ornatos póde ser *linear, floral, de figuras* com ou sem *sombras*; o de figuras póde ser ou dos *animaes inferiores* ou do *corpo humano*; e o de paizagem póde-se dizer que é um conjuncto variadissimo dos desenhos de *ornatos* e de *figuras*.— Por esta curta enumeração já os nossos dignos legisladores poderão

formar uma ligeira ideia da vastidão d'esta Arte e do quasi nada que d'ella mandam ensinar nas escolas elementares. O numero d'estas escolas é tres vezes superior aos das integraes ou de entrança, o que quer dizer que a grande maioria da população infantil que estuda aprende n'aquellas escolas, e a grande maioria d'estes alumnos compõe-se de filhos de familias pobres, que nem sempre hão de poder talvez adquirir os instrumentos necessarios á execução do desenho geometrico, quando vierem a necessitar d'elle na vida pratica. E demais, será este ramo do Desenho o mais necessario na patria da vida futura? Se o alumno vier a estudar mais tarde um curso de mechanica, de agrimensura, de construcção, ou qualquer outra parte de engenharia, certamente o conhecimento do desenho geometrico ser-lhe-á indispensavel; mas muito pequeno será o numero d'estes e nós não devemos legislar para a minoria e sim para a maioria, que será, n'este caso, o dos que precisarão, na idade adulta, dos desenhos de ornatos e figuras, que são os mais vastos e variados, e os que não se executam com o auxilio de instrumentos, mas sim *á mão livre*.

É n'este sentido que deve ser traçado o limite do ensino do Desenho entre nós nas escolas elementares, dando-se á letra —*e*— a seguinte disposição:— *Elementos de desenho linear, de ornato e de figuras á mão livre, nos 3 annos. Noções praticas sobre a medição das áreas e capacidades no 3.º anno.*

O Desenho á mão livre é como a escripta: precisa sómente de exercicios diarios, á vista dos modelos, para que o progresso se faça lenta e gradualmente: e á medida que o alumno vae conseguindo approximar-se cada vez mais do exemplar que copia, á proporção que insensivelmente se aperfeiçoa, vae tambem adquirindo mais gosto para esta Arte, e apurando mais a sua applicação n'estes estudos. É por isso que se deve fazer-o exercitar-se n'este sentido desde a sua primeira entrada na escola; e para isto encontram-se, principalmente nos paizes que mais se teem preoc-

cupado com este ensino, methodos elementarissimos, variados e interessantes, cujas difficuldades augmentam com o adiantamento do alumno.

Se do tirocinio primario elementar passarmos ao integral, e continuarmos a analyse d'esta mesma disciplina, verificaremos a incoherencia de se ordenar o ensino sómente do *desenho linear*, tanto no *curso medio* (letra *l*) como no *curso superior* (letra *v*) das escolas de entrancia, quando se exige n'estes mesmos cursos *exercicios cartographicos* (letras *j* e *t*) que só pôdem ser aprendidos com facilidade depois que o alumno sabe copiar á mão livre uma figura.

Abram os nossos legistas um mappa geographico em qualquer carta, á vontade, e digam-nos se o desenho dos contornos de um continente ou de um paiz pôde ser traçado com instrumentos, isto é, si refere-se exclusivamente ao *desenho linear geometrico*.—Nunca. Os traçados dos contornos geographicos pertencem á classe dos *desenhos de figuras*, desenhos estes que só pôdem ser executados á mão livre. Como é, pois, que se restringe o ensino do Desenho sómente ao *linear* e pede-se ao mesmo tempo o estudo da *cartographia pratica*, sem exercicios sobre *desenhos de figuras á mão livre*?!...

Não é uma incoherencia palpavel, tangivel, que convém corrigir?—Certamente que sim, e n'este sentido pedimos licença aos nossos illustres Senadores para indicarmos as seguintes modificações a inserir-se na parte do projecto que analysamos:

CURSO ELEMENTAR:—*Principios de desenho linear, de ornato e figuras, á mão livre.*

CURSO MEDIO:—*Continuação do desenho á mão livre linear, de ornato e figuras; noções practicas de sombras.*

CURSO SUPERIOR:—*Continuação da matéria precedente e mais: desenho geometrico com instrumentos, noções sobre o uso das côres (aquarella) e, no ultimo anno do curso, noções de perspectiva.*

Eis um curso de desenho primario regular, se não completo, que se for aceito e incluido no plano das materias obrigatorias a ensinar-se, entre nós, muito terão de lucrar os nossos futuros concidadãos.

Proseguiremos.

---

### Obrigatoriedade e uniformidade do ensino

Para corroborar o que avançámos sobre este assumpto no ultimo numero d'esta *Revista*, vimos hoje novamente citar alguns pontos discutidos e approvados pelo Conselho Superior da Instrucção Publica d'este Estado, unico que pôde falar sobre assumpto de tal natureza.

E fazemos taes considerações, firmado no principio de uniformisar-se o ensino publico, estabelecendo-se assim uma verdadeira linha divisoria entre o que se ensinava antigamente por amor á rotina, e o que convém ensinar-se hodiernamente em parallelo com os mais aperfeiçoados methodos que a Pedagogia nos impõe.

D'esta fórma, comprehende-se que queremos a realidade do ensino, o que sómente poder-se-á obter pondo em pratica as leis ou principios decretados pelos poderes competentes.

Se, portanto, houver abuso, este partirá do professorado, unico que poderá oppor-se á vontade dos que nada percebem do ensino publico.

\*  
\* \*

Tratando da escolha dos livros que deveriam ser admittidos em nossas escolas, disse a illustrada commissão nomeada pelo Conselho:

«As grammaticas de João Ribeiro (curso primario e medio) não tem competencia entre as suas congêneres, e estão de perfeito accordo com o Regulamento que estabelece o methodo das relações, abolindo as classificações antigas.»

Como, pois, admittem certos professores as

grammaticas de Hilario Ribeiro, Condurú, Pinto Marques, Lacerda, Abilio e outras?

Será porque não se querem dar ao trabalho de estudar um pouco mais? — Não fazemos tal juizo do nosso professorado; por isso somos obrigados a acreditar que isso não passa de um simples descuido.

E mais tarde, quando estiver em circulação a excellente grammatica do talentoso philologo paraense, professor V. Alves, não continuaremos no mesmo abuso?

Prosigamos:

«Entre os compendios de Arithmetica (de Jardim, Lacerda e Trajano) admittidos em nossas escolas, distingue-se o do ultimo autor pela exposição clara, impressão nitida e outros predicados pedagogicos, como as illustrações intercaladas no texto, adoptados hoje nos livros de escola.»

Apezar d'este reconhecimento, admittem-se nas nossas escolas muitos outros compendios, o que vai de encontro ao que determinou o poder competente.

«A geographia primaria do Dr. Novaes é incontestavelmente o melhor livro n'este genero de instrucção popular. Não abunda em nomenclatura de accidentes physicos; estuda os paizes sob o ponto de vista economico, dando em tudo preferencia á America, parte do mundo, a qual deve interessar mais ao nosso povo do que as outras.»

E de facto assim é. O ensino de geographia em nossas escolas, antigamente, era um simulacro d'esta materia e nada mais. Dizia-se a um menino que decorasse os nomes de paizes, capitães, cidades, ilhas, montes, rios etc. da Europa, Asia e Africa, o que elle fazia, olhando para uma parede ou para a face do mestre e estava tudo completo. Entretanto, hoje, tendo o menino uma geographia de quilate da do Dr. Novaes, pôde obter excellentes conhecimentos, visto ter para auxiliar seus estudos excellentes mappas e espheras terrestres que o Governo mandou distribuir pelas nossas escolas.

Não obstante as vantagens a tirar d'este precioso livrinho, continúa-se a ensinar por outros compendios de geographia, condemnados pelo Conselho, porque de facto são antiquados e nada têm melhorado nas repetidas edições publicadas, apezar do estupendo progresso que tem tido esta sciencia.

«Para leitura expressiva julgamos mais proveitoso o terceiro livro de leitura do Dr. Freitas, adoptado ultimamente com as modificações que o pozeram de accordo com o nosso programma de ensino. As suas lições versam sobre assumptos brasileiros principalmente paraenses.

«Para leitura amena e exemplo de educação domestica, indicamos o livro de Amicis intitulado — *Coração*. Estes dous ultimos livros substituem com vantagem os seguintes que excluímos: *Noções da vida domestica* (Felix Ferreira), *Brazileiros illustres* (Pinheiro Chagas), *Terceiro livro de leitura* (Hilario Ribeiro).»

Clarissimas estão estas opiniões; porém a tudo fecham-se os olhos, pondo de parte a observancia da lei para dar attenção á vontade de quem quer que seja: circulam impavidamente os compendios de leitura de Hilario Ribeiro, João de Deos, Felisberto de Carvalho e outros, sem attender-se que é isto uma balburdia no ensino.

Diz ainda a commissão:

«Quanto ao Primeiro livro, o livro por excellencia do menino de escola, o que mais se recommenda pelo seu merito real, é o organizado pelo professor Augusto Ramos Pinheiro: é um verdadeiro mimo da infancia.

«Entre tantos livros do mesmo genero admittidos em nossas escolas é o que se acha mais vulgarisado, por isso não precisamos justificar a nossa escolha. Eliminamos todos os outros que tratam d'esta materia.»

Qual a conclusão a tirar-se d'esta exposição? É que não dever-se-ia admittir outro livro senão o do professor Pinheiro; entretanto, a mocidade está sendo enganada, o Conselho está sendo iludido, pois continuam a ser adoptados os livros

de Hilario Ribeiro, Felisberto de Carvalho, João de Deos, Freitas, Abilio e outros.

O abuso que presentemente se commette com a adopção de livros prohibidos pelo Conselho não é por acaso uma infracção ao Regulamento e demais resoluções do Conselho?

Não trará elle muitos embaraços para os que aprendem, e despezas para os que fazem sacrificios, afim de educarem seus filhos?

O bom professor, que zela pela boa ordem e disciplina de sua escola, ver-se-á muitas vezes embaraçado, quando tiver de receber um menino d'estas escolas em que não ha uniformidade, porque de um lado terá a impossibilidade de o pae comprar-lhe novos livros pela exiguidade de seus recursos, por outro, será o estado decadente do alumno, acostumado a estudar por todos os methodos.

Além d'isto, uma nova difficuldade apparecerá: o alumno que andar em escolas sem uniformidade de ensino, nada de positivo e seguro aprenderá.

Ensinando-se, por exemplo, grammatica em uma escola, cujo professor adopte o compendio de Pinto Marques, quando o menino passar para uma outra em que o professor exigir o de João Ribeiro, em observancia ao Reg., ver-se-ão em sérias difficuldades o pae, para comprar novo livro (se fôr pobre); o alumno, para comprehender o ensino moderno, visto estar apegado á rotina; e o professor, por ter de convencer ao pae sobre a conveniencia da mudança do livro, e ao filho sobre o modo do estudo moderno.

O que acontece com esta materia, observa-se com as demais. Isto por que? Porque ha falta de boa vontade da parte de muitos professores; pyrronismo da parte de outros e interesse da parte de alguns livreiros, que não querendo perder os livros regeitados pelo Conselho, vão vendendo-os a torto e a direito, porque sabem que muitos professores pouca attenção ligam á disposição do Regulamento que trata da uniformidade do ensino.

Já vamos muito longe, e por isso fazemos ponto, chamando de novo a attenção dos poderes competentes para o abuso que acabamos de denunciar, cujos resultados não se farão esperar e serão palpaveis nos proximos exames das nossas escolas.

O futuro nol-o dirá.

Pará — 1894.

A. P.

---

## SCIENCIAS

---

### GEOLOGIA

(AO ALCANCE DE TODOS)

POR A. GEIKIE

(Continuação)

#### CAPTULO II

##### *II—Origem do cascalho, da areia e da lama*

Já ensaiastes o primeiro passo no estudo das rochas sedimentares: sabeis tambem que ellas são formadas de sedimento de cascalho, de areia e de lama. Devemos agora procurar saber de onde veio este sedimento e como foi organizado. Esclarecido este ponto, ficareis conhecendo em grande parte a historia d'estas rochas. Desde o começo d'esta investigação, como de muitas outras, podeis com vantagem estabelecer a seguinte questão:—Haverá hoje alguma cousa que nos possa guiar rectamente nesta pesquisa?—Baseando-vos directamente na observação dos factos presentes, chegareis melhor a comprehender os factos passados. Como, pois, o cascalho, a areia e a lama formam-se em nossos dias?

Um pouco de attenção vos mostrará que entre o cascalho e a areia ha apenas uma differença de tamanho. No primeiro, as pedras são volumosas; no segundo, são simples grãos. Para melhor comprehender este facto, collocae um pouco de areia sobre um vidro de forte augmento; os grãos, então consideravelmente augmentados, se assemelharão mais ao cascalho do que á areia. Cada grão parecerá uma pedra gasta e arredondada, offerecendo depressões e asperesas, exactamente como um seixo que tomassemos em um monte de cascalho. Quanto mais detidamente examinardes, tanto mais vos convencereis de que a areia e o cascalho não são mais do que estados



diferentes da mesma materia, com a unica distincção de que um é maior do que o outro.

Se fizerdes as vossas investigações sobre as bordas do mar ou nas margens de um rio, podereis provar não menos facilmente que a areia e o cascalho só se differem pelo tamanho de seus grãos. Ahi encontrareis, com effeito areia fina, areia mais grossa, e enfim o verdadeiro cascalho, cujas pedras vão crescendo desde o tamanho da noz até o da vossa propria cabeça. De que maneira todos estes fragmentos, pequenos e grandes, foram quebrados, gastos e polidos, e chegaram a accumular-se nos logares onde se os encontra?

Galguemos o cume das collinas, e examinemos o que se passa nas cabeceiras de um regato. Quando as rochas são duras e resistentes, erguem-se na encosta das collinas em blócos e agulhas, ao longo dos quaes os riosinhos saltam de aresta em aresta, até o ponto em que se reúnem a um curso d'agua mais forte, no fundo do valle. Vede como estes rochedos são fendidos e desagregados pela chuva e pelo gelo. Já sabeis sem duvida como isto acontece; mas nós estudaremos um pouco mais de perto alguns dos resultados d'esta decomposição.

Supponhamos, para maior clareza, que distinguimos um certo rochedo, cuja côr viva, encarnada por exemplo, differe da dos outros que o cercam. Ergue-se arrojadamente sobre o ingreme declive de uma collina e o domina, vendo lá em baixo o riosinho como uma fita de prata, desenrolando-se por entre as verduras do prado. No decurso dos tempos, o nosso rochedo soffre muitos estragos. Durante seculos, a chuva e o gelo abrem-lhe nos flancos fendas e cavidades profundas. Estas, na estação pluviosa, servem de leito a torrentes espumosas que rolam ao longo do declive, levando consigo os fragmentos de pedras e a terra que encontra no caminho.

Si, depois de haver escalado o rochedo com precaução, para ver estas cavidades escavadas pelo gelo e lavadas pelas aguas, voltarmos á base, veremos que o solo, abaixo d'ella, está semeado de pedaços de rocha, alguns dos quaes são grossos blócos, mas que se apresentam principalmente sob a fórma de cascalho, que rolam atraz de nós, ao longo do declive, emquanto descemos a largas passadas.

Cada fenda profunda, assim feita no rochedo, tem por baixo um longo caminho d'estes cascalhos. Não podereis duvidar um só momento de que todas estas materias esparsas fizessem parte, em outro tempo, do proprio rochedo, e que não sejam de facto um simples producto da destruição das paredes e do fundo das fendas. Amondoando-as no logar que primitivamente occupavam, encheis estas fendas.

O declive da collina nos leva a um riosinho, cujo fundo é coberto de pedaços do nosso rochedo. Os fragmentos avermelhados são facilmente reconhecidos no meio da massa cinzenta dos restos que veem de outras partes. Descendo a vertente, podeis notar que os pedaços de pedra que a cobriam eram todos de forma mais ou menos angular, com arestas bem aguçadas ou salientes. As pedras do riosinho nem são rombas nem agudas. Si descerdes uma parte d'este curso d'agua, encontrareis fragmentos mais volumosos, e os que ahi achardes serão mais polidos, mais redondos do que os junto ao rochedo. Seus angulos não são aguçados, e muitos d'elles são quasi redondos. Lançando um novo olhar mais abaixo ainda pelo valle, nos sitios onde o riosinho depositou um banco de cascalho, vereis que os pedaços do nosso rochedo vermelho foram já tão bem gastos, que não se distingue mais o cascalho ordinario.

Seguindo ainda mais longe o curso do riosinho, verificareis que o cascalho, tornando-se cada vez mais fino, transforma-se em areia. Examinada esta com um vidro de aumento, descobrir-se-á, entre outros, grãos mais ou menos arredondados d'esta mesma pedra vermelha destacada do nosso rochedo.

Porque se gastam assim as pedras? Porque estando no fundo de uma agua corrente diminuem de volume?

Si examinardes o curso d'agua em occasião de bonança, com a maré baixa e quando a corrente é fraca, difficilmente apreciareis a força real que tem. Voltae de novo a observal-o quando chuvas abundantes tiverem enchido as cavidades das collinas com torrentes espumosas; quando cada regato, que se precipita ao longo dos flancos do valle, encher o seu leito até ás beiras e trasbordar mesmo por ambos os lados. Não vereis então mais as pedras no fundo; mas prestando bem attenção, podereis ouvil-as. Este ruido estridente, que sahe ás vezes das aguas, tem por causa o choque das pedras umas contra as outras. Ellas não cessam de tritular-se como em um moinho. É assim que necessariamente devem polir-se e desembaraçar-se de suas aréostas, emquanto gastam tambem e pulem ao mesmo tempo as rochas que encontram no seu caminho.

No momento em que as pedras se destacam e são misturadas ás aguas de um riosinho, são cheias de angulos agudos, como vistes. Um certo tempo depois perdem a sua aspereza, arredondam-se progressivamente e acabam por tomar o aspecto do cascalho. Assim arredondadas, correm mais longe e mais depressa do que uma pedra angular, mas tambem reduzem-se por fim á areia.

Vemos assim que as pedras tornam-se menores arre-

dondando-se. Não sómente gastam umas ás outras, mas tambem ás paredes e o fundo onde rolam.

Uma grande quantidade de pedras gasta-se de tal maneira, que os seus fragmentos servem para formar o cascalho, a areia e a lama. No leito de cada curso d'agua, encontram-se em abundancia estas materias que proveem do gasto das pedras pela corrente.

As particulas mais finas, movendo-se mais facilmente, viajam muito longe do que os pedaços maiores.

Emquanto o cascalho e a areia grossa rolam no fundo, a areia fina e o lodo ficam em suspensão na agua e podem ser levados a longas distancias, antes de assentarem no funda, formando um deposito de lama ou de argila.

Assim pois, emquanto o leito dos riosinhos, nas partes elevadas de um paiz, é coberto de grossos blócos de rochedo e de uma quantidade de fragmentos grosseiros e angulosos, todos estes materiaes, gastando-se pouco a pouco, chegam ás terras baixas ou ao mar, sob forma de areia fina e de lama. Estes transportes pelos riosinhos são continuos; mas tambem os rochedos desagregam-se constantemente e fornecem-lhes sempre novos fragmentos. D'ahi se infere que a quantidade de areia e de cascalho, gasta annualmente pelas correntes d'agua relativamente pequenas em nosso paiz, deve ser enorme.

Podemos agora voltar novamente, com mais interesse, para junto do nosso rochedo vermelho. Cada fenda, cada cavidade, que nelle se encontra, testemunha a destruição geral soffrida pela superficie terrestre. Podemos seguir estes fragmentos até o riosinho mais proximo, que os tritura e os leva emfim, sob a forma de lama fina, até ás mais longinquoas paragens e d'ahi ao fundo do Oceano.

Ainda podeis estudar em outra parte esta transformação das rochas mais duras em areia e cascalho. Estudaes em um ponto qualquer das costas rochosas d'este paiz os efeitos das vazas do mar. Quando um rochedo ergue-se á beira-mar, podeis logo distinguir-lhe as partes expostas á acção das ondas das que permanecem fóra do alcance d'estas. A porção superior do rochedo, que soffre unicamente a acção da chuva, do gelo e dos mananciaes, é irregular e angulosa; a inferior, ao contrario, é gasta e polida, como as pedras que vimos no leito do riosinho da montanha. Quem, pois, conseguiu polir assim a base da rocha-escarpada, deixando-lhe o vertice com todas as asperezas? — As ondas.

Pedaços enormes de rocha carcomidos pelo tempo distacam-se e cahem sobre a margem. Outros ficam prestes a segui-los. Examinaes estes blócos lançados por terra, e verificareis que ordinariamente são como os que se acham ao pé da rocha e que, não tendo sido ainda removidos pelas ondas, conservam as suas arestas aguça-

das. Um pouco mais a baixo, os blócos mostram que já começam a ser gastos, e a grande estensão da praia é coberta de pedras de todos os tamanhos, redondas e polidas.

Nos dias calmos, quando se observam apenas ondas pequenas que veem morrer sobre a praia, não se póde formar um juizo exacto do trabalho que o mar executa com detrimento das rochas; do mesmo modo que não se póde avaliar o verdadeiro trabalho de um riosinho, quando se o vê correr preguiçosamente pelo seu leito em tempo de secca. Collocae-vos, ao contrario, junto de uma rocha por occasião de tempestade, e apreciareis então facilmente o poder destruidor das ondas, mesmo sobre os mais duros rochedos. Cada vagalhão, cujos borbulhões espumantes sobem á praia, levanta as pedras que ahí se acham e as lança d'encontro á base da rocha. Quando a agua espumosa recúa, para dar logar á outra vaga, podeis ouvir, não raras vezes a muitas milhas de distancia, o ruido surdo do cascalho, cujas pedras entrechocam-se descendo a praia, e são logo tomadas e arremeçadas de novo contra a rocha. Não podereis imaginar mole alguma mais poderosa para triturar as rochas e transformar os seus fragmentos em cascalho fino e areia. Do mesmo modo que no leito de cada riosinho, podeis achar, em todo o litoral, fragmentos de rocha em todos os grãos de destruição, desde o grosso blóco anguloso, até a areia e a lama mais fina.

Se eu repetir a minha pergunta: — Como formam-se a areia e o cascalho? — respondereis logo: *Formam-se das partes que se destacam da superficie da terra e que são logo trituradas pelas aguas em movimento.* A agua não as destaca, o que faz é conserval-as em movimento, gastando-as assim umas d'encontro ás outras.

(Continua).

Engenheiro A. GRAVEZ.

(Trad.)

## LITTERATURA

JANUS

(FRAGMENTO)

Eram 5 horas de uma tarde de inverno. O aspecto da cidade era sombrio, e as nuvens carregadas, que envolviam a encosta dos montes visinhos, tornavam mais melancolico o crepusculo vespertino.

*Maffio*, afflicto, entrava em um quarto de um 2.º andar, onde, sobre uma meza pejada de livros, um mancebo macilento, com grandes olheiras em seu bello rosto, em que se divisavam os vestigios de uma tortura lenta e acerba, escrevia com mão tremula estas palavras de Ugo Foscolo:

«Só tu, oh meu Deus, tu só que conheces o coração humano, sabes quanto é horrível o meu somno, e quão terrível será o meu despertar, pois nessa hora me esperam somente as lagrymas e a morte...»

Suspende esse pensar funereo, disse *Maffio*. E' covardia ceder aos rigores da sorte. Soffre, como soffreu o poeta dos tumulos, pois na resignação d'essa dôr cruciante é que está pelo menos a palma do martyrio.

*Janus*, que tinha sido interrompido por seu amigo, ao traçar numa folha do papel humedecida de lagrymas, aquellas palavras, filhas da angustia e do desespero de *Ortis*, depôz a penna e voltando-se para o seu interlocutor:

—A palma do martyrio!—disse. Talvez me julgues atacado de *hypermania ascetica*; mas tu não ignoras até onde vai o meu sceptismo. A tempera indomavel d'esta alma é como a do canal de *Mazeppa*: finda com a morte, mas não se modifica em vida.

Sim, meu amigo; fallo-te em pleno uso de minha razão. Ainda não será em mim que terá applicação o sistema de *Spurzhein*, e que aproveitará á affectuosa dedicação de *Miraglia*.

—Não me comprehendeste, *Janus*, eu me referia...

E *Janus*, tomando-lhe o braço:

—Oh! não pronuncies esse nome!—

*Janus* deixou perceber, no tom supplicante com que interrompera ao amigo, um mysterio quasi imperceptível para quem era o unico depositario de todos os seus segredos.

*Maffio* não ignorava a existencia do amor que *Janus* devotava á certa joven, de origem hespanhola; a qual, sem desmentir a tradicional belleza das andaluzas, não era, comtudo, uma d'aquellas formosuras, cantadas por *Lord Byron* e *Musset*.

Calou-se a tempo de occultar a *Janus* um pensamento que nenhuma relação tinha com aquella mulher; e voltando-se para o lado opposto, relanceou a vista em de redor de si.

Vendo sobre a mesa um revolver ao lado d'uma garrafa de cognac, perguntou-lhe:—O que é isto? temos por aqui a derradeira noite de *Jacques Rolla*?

Ao menos mostra que tens gosto. Morrer entre os braços d'uma belleza é afogar-se na repleição do amor, ferindo todas as voluptuosidades da mancenilha.

Assim é estúpido.

E se a tristeza nos invadiu ha muito a existencia, ao menos, prestes ás bordas da campã, arredemos dos olhos esse véo de pesadas sombras.

*Werther* e *Ortis*, dizei-me si uma lagryma furtiva vos humedeceu as palpebras nas vossas horas extremas!

*Maffio*, murmurou *Janus*, sinto-me devéras hoje de máo humor. Ser-me-hia muito agradavel ouvir-te; mas antes de tudo é preciso que saibas uma cousa.

Completamente extranho nesta cidade, onde não tenho um só parente,—a quem, se não ati que, mais do que um irmão, és meu amigo, poderia eu confiar os ultimos segredos da minha vida? Digo os utimos, sim, porque até aqui todas as paginas da minha vida bem connheces tu.

Si não estivesse aqui, eu teria ido buscar-te; porque é necessario que saibas tudo; que, fiel depositario de um triste legado, o transmittas ás mãos paternas e d'ellas hajam a benção para os descarnados ossos de um filho, que succumbiu ás lazeiras da vida.

Convicto de ser cumprida a supplica de quem a faz já com os pés na sepultura, desejo tambem abraçar-te e dizer-te um eterno adeus.

—Como?! interrompeu *Maffio*.

Será, pois, verdade tudo o que acabo de ouvir, ou queres tu zombar da minha credulidade?

—Ah! tornou *Janus*. Nem, por tão desgraçado, o riso, que fugiu dos meus labios ao alvorecer da juventude, volta hoje como suprema consolação ás angustias que se vão findar.

—Meu amigo, disse *Maffio*, neste mar procelloso, chamado *vida*, nós representamos de baixéis que se affoutam a atravessal-o.

Do berço á campã a viagem é curta para uns e longa para outros; este lucta com todas as tempestades, andando sempre de *Scylla* para *Charybedes*, e alfim sobra antes de tocar o porto que avista pela prôa; aquelle deslisa-se por mares de rosas, até abrigar-se nas angras da terra sonhada.

*Colombo* lucta com os soberanos da Europa, com os tormentos do mar, com os seos companheiros de viagem, com a miseria emfim, para um dia chegar á sonhada America.

Nesta persistencia energica, nesta coragem envecional ha mais do que o triumpho de uma victoria, enca-recida pelas difficuldades.

—Mas, disse *Janus*, com certa impaciencia, nem a todos foi dado ter a coragem e a resignação do *Chistro*.

O *Golgotha* é mais impressionavel do que as floridas veigas de *Gessem*.

Em qualquer outras circumstancias, as tuas palavras poderiam ser um incentivo para mim, mais...

—Mas porque, replicou *Maffio*, na actual, não poderão as minhas palavras convencer-te d'um erro? Acorda o entusiasmo e a coragem d'aquelle stoico que ainda ha pouco accusava de imbecillidade a *Chalton* e a *Celbert*!

—Nem sempre, disse *Janus*, o homem é immutavel nas suas convicções, assim como em tudo.

Fôra mister ser propheta para fugir á impermanencia a que o arrastaram as vicissitudes da vida.

A descrença! a descrença, *Maffio!* . . .

Conheces o Child Harold de Byron? Não sabes tu como o sceptismo mina profundamente uma alma de 25 annos, esterilizando o cerebro que ardeu em fogo? Não sabes que dóe, mas dóe muito o adormecer-se suspenso nas azas da esperança que devassa os horisontes d'um porvir brilhante, e de subito acordar, para cair ferido pelo punhal da realidade?! Ah! sim . . .

Eu poderia dizer-te que tens muita razão; que fui um visionario; estolido Prometheu, quiz dar corpo e vida aos sonhos que passam ligeiros e se desvanecem como as nuvens em céu tempestuoso; que, imbecido de illusões, vivi suspenso entre o céu e a terra; que hoje desiludido, estortega-me a beira do pricipicio que inconscientemente cavaram as minhas proprias mãos.

Mas porque tantas palavras, para, alfim, dezer-te que a vida do homem é como a das roseiras no automno:— perdidas as flôres só restam espinhos? . . .

Era evidente que *Janus*, fallando assim, se tinha por momentos esquecido do presente, para atirar com o pensamento para um passado, senão feliz, ao menos alentado por uma esperança.

ODORICO LEMOS

## INSTRUÇÃO PUBLICA

### EXERCICIOS MILITARES

(Continuação)

#### Artigo 3.º

##### MARCHAS

250.—Estando a esquadra desenvolvida, o seu commandante dá a voz:

EM FRENTE!

251.—O instructor colloca-se perto da fila que escolher para dar a direcção e lh'a indica.

252.—Os atiradores põem-se em marcha conservando as respectivas distancias, guiando-se pela fila perto da qual se collocou o instructor.

253.—Para mandar marchar em retirada, o instructor dá a voz:

EM RETIRADA!

254.—Os alumnos voltam á rectaguarda e marcham em retirada, conformando-se ás prescripções dadas para a marcha.

255.—Para mandar marchar pelo flanco direito (esquerdo), o instructor dá a voz:

*Direita (esquerda) volver* . . . MARCHA!

256.—O instructor colloca-se rapidamente ao lado do alumno da direita (esquerda) e indica-lhe a direcção. Todos voltam á direita (esquerda) e marcham cobrindo os que vão em sua frente, guardando os intervallos.

257.—A esquadra estando em marcha para frente, rectaguarda, ou qualquer flanco, para mandal-a fazer alto, o instructor dá a voz:

ALTO!

258.—Os alumnos fazem alto e voltam á frente.

259.—Uma esquadra desenvolvida em linha de atiradores estando a pé firme ou em marcha, querendo o instructor mandar mudar de direcção para direita (esquerda) dá a voz:

*Mudança de direcção* . . . PARA DIREITA! (esquerda).

260.—A fila da direita (esquerda) é collocada na nova direcção pelo instructor; as outras filas rodam para esse lado com passos acelerados, tendo em attenção o movimento da fila da base, segundo os principios prescritos na *Escola do Soldado* na fileira. Si a conversão estiver terminada, a juizo do instructor, manda este fazer alto á fila da direita ou da esquerda, logo que entrar no novo alinhamento; as outras filas param na altura conveniente e o instructor manda depois marchar em frente.

#### Artigo 4.º

##### RENDER E REFORÇAR OS ATIRADORES

261.—Quando uma esquadra desenvolvida tiver de ser rendida, a nova será desenvolvida primeiro em sua rectaguarda, para a substituir, feito o que, ella marchará em retirada e depois na ordem unida.

262.—Se os atiradores que têm de ser rendidos marcham já em retirada, a esquadra que é encarregada de os substituir desenvolve-se passando entre elles os primeiros, que continuarão a marchar na ordem unida.

263.—Para reforçar uma esquadra em atiradores, conservando a linha a mesma frente, procede-se de duas maneiras.

264.—Si a esquadra não está fazendo fogo, une os seus intervallos sobre uma das extremidades da linha. A esquadra de reforço desenvolve-se marchando de maneira a occupar o espaço deixado livre.

265.—Durante a execução dos fogos, a esquadra de

reforço desenvolve-se, marchando os alumnos que a compoem, passam pelos intervallos da primeira esquadra, e o instructor repete, para sciencia d'estes ultimos, as indicações já dadas sobre a alça e o alvo. Os novos atiradores começam então o fogo. Cada um dos instructores toma o commando d'uma metade da linha; o que dirige o reforço colloca-se sempre á esquerda.

266—Para reforçar uma esquadra, prolongando a linha, desenvolve-se a esquadra de reforço de fórma que ella entre em linha á direita ou á esquerda e no prolongamento da primeira. Este movimento pôde-se fazer, quer a linha esteja ou não em acção.

### Artigo 5.º

#### FOGOS

267—O fogo é executado sempre a pé firme. É feito ou só por alguns alumnos ou pouco a pouco por toda a linha, ou rapidamente por toda ella, ou finalmente por discargas. Os alumnos devem habituar-se a visar bem o alvo, applicando os principios de tiro e tomarão sentido no numero dos tiros que derem; o instructor interrogal-os-á sobre este ponto importante. Este ultimo mudará a miudo a alça com que devem atirar.

268—Quando o instructor pretender mandar atirar por alguns alumnos sómente, os designará nominalmente, os quaes atirarão á vontade, porém sem precepitação. O chefe da esquadra augmenta ou diminue progressivamente a intensidade do fogo fazendo variar ora a rapidez do tiro, ora o numero dos atiradores.

269—Para fazer executar um fogo sobre toda a frente, o instructor dá a voz:

*A tantos metros.*

COMEÇAR O FOGO!

270—Esta voz indica sómente que é permittido atirar. Os alumnos começam o fogo á vontade, mas sem precipitação.

271—Para dar ao fogo a sua maior intensidade, o instructor dá a voz:

FOGO RAPIDO!

272—Os alumnos atiram rapidamente mas sem deixar de visar o alvo. Este fogo só é effizaz para a distancia de 200 metros.

273—O instructor manda algumas vezes executar fogos de salva, quando a esquerda está formada em uma ou duas fileiras, para isso dá a voz:

*Fogo d'esquadra (ou Fogo d'esquadra de joelho).*

*Carregar.*

*A tantos metros.*

*Apontar...*

FOGO!

274—Os fogos em movimento para frente ou em retirada executam-se exactamente pelos meios acima prescriptos; os alumnos fazem alto á voz de *começar fogo*. Logo que elles tenham dado alguns tiros, o instructor dá a voz:—*Em frente ou em retirada*. Á esta voz, os alumnos cessam de atirar e continuam a marcha. A voz de—*Alto!*—dada pelo instructor, os alumnos novamente fazem alto e recommençam o fogo sem outra voz. O movimento continúa assim, de fórma que o fogo feito n'essa occasião é apenas uma successão de fogos a curtos intervallos.

275—Para fazer cessar o fogo, o instructor dá a voz: *Cessar fogo*.

FIRME!

276—O fogo cessa immediatamente. O instructor deve prestar a maior attenção para a rigorosa observancia d'esta prescripção. Os alumnos carregam as armas.

### Artigo 6.º

#### REUNIR ASSEMBLÉA

277—Para reunir a sua esquadra, o instructor levanta a espingarda e dá a voz:

REUNIR!

278—Todos os alumnos vêm-se agrupar rapidamente perto d'elle, quer em linha, quer em circulo, da maneira que elle indicar, sem que a ordem prejudique a rapidez do movimento.

279—A reunião do cordão executa-se estando todos parados para continuar a pé firme, ou para se pôr em movimento; executa-se tambem estando elles em movimento para faser alto ou continuar a marchar.

#### ASSEMBLÉA

280—Si o cordão está desenvolvido em atiradores ou reunido sem ter uma formatura normal, para formar em assembléa a esquadra, o instructor regula-se pelas prescripções dadas na primeira parte (n.º 103).

281—Quando para reforçar os atiradores, se tiver dobrado duas esquadras, poder-se-ha mandal-os executar as marchas, os fogos, a reunião e a assembléa. As vozes serão dadas pelo instructor de companhia, cada um d'elles commandará metade do cordão, collocado momentaneamente sob suas ordens; os alumnos de qualquer esquadra se reunirão sob as ordens do commandante mais proximo, e farão assembléa sob á do instructor da sua esquadra.

(*Continúa*).

## NOTICIARIO

### Estatística escolar do Estado da Bahia

Do importante relatório apresentado ao Governador do Estado da Bahia, pelo illustrado Sr. Dr. Satyro d'Oliveira Dias, Director Geral da Instrução Publica, transcrevemos o seguinte:

#### ESCOLAS PUBLICAS :

Do sexo masculino .....	332
» » feminino .....	565
Mixtas .....	158
Total .....	755

Movimento geral da matricula e frequencia das mesmas escolas durante o anno proximo passado :

#### SEXO MASCULINO :

Matricula .....	15.999
Frequencia .....	11.201

#### SEXO FEMININO :

Matricula .....	12.543
Frequencia .....	8.771

#### RESULTADO GERAL :

Matricula .....	28.542
Frequencia .....	19.972

**Mexico.**— Enquanto propõe-se geralmente a simplificação da orthographia em cada lingua, recommendando-se particularmente o desprezo de certas letras, puramente etymologicas, que não se pronunciam, um jornal da Confederação Mexicana toma a peito a defeza do restabelecimento, na orthographia espanhola, dos caracteres litteraes d'esta lingua, abolidos já pela Academia de Madrid. Estamos acostumados a ouvir felicitar esta Academia por haver dotado a Espanha com uma orthographia simples e racional, invejada por todos os paizes da Europa; é, pois, engraçado vel-a posta á margem por um jornalzinho dos descendentes dos Aztecas, nos confins de uma nação apenas civilizada, á 1.500 kilometros da capital mexicana.

O *Obrero escolar*, orgão do *Colegio de la Divina Provi-*

*dencia*, em Chihuahua, diz, em um de seus numeros, sob a epigrapha— *Lições práticas de orthographia* :

«Ha uma outra regra geral, que encontrou muitos contraditores, mas que devemos entretanto fazer prevalecer á custa dos maiores esforços:— é a *etymologia*. É com a mais profunda tristeza que vemos vocabulos como *Enrique* e outros, soffrerem alteração no espanhol. A etymologia de *Enrique* pede que se escreva um *H*, porque a sua origem é esta:— *heim* casa, e *rik* príncipe; o que quer dizer claramente «chefe da casa»; é uma palavra esta oriunda do allemão. O mesmo podemos dizer dos termos *Armonia* e *Arpa*, cuja etymologia exige um *H*; é, pois, sem razão que o dictionario da Academia espanhola supprime esta letra que é entretanto conservada na lingua franceza, ingleza e outras mais.»

É interessante ver os roteadores das florestas virgens americanas mostrarem-se obstinadamente mais ligados a puerilidades orthographicas do que os habitantes da velha Europa: quando os francezes vierem provavelmente no seculo 20, a escrever *filosofo*, como Voltaire e *ortografia*, como Cornelio, ver-se-á do outro lado do Atlantico os alumnos do *Collegio da Divina Providencia*, de Chihuahua, insurgirem-se contra a autoridades da Academia Espanhola, e restaurarem piedosamente as tradições passadas, escrevendo triumphalmente *philosophia*, *orthographia*, *theologia*, etc.

(Da *Revue Pedagogique*.)

**Canadá.**— Uma lei provincial promulgada na cidade de Manitoba, em 1890, ferio um dos artigos constitucionaes que favorecia a educação dos catholicos nas escolas publicas. Estes denunciaram a inconstitucionalidade da lei, perante a Corte Suprema de Ottawa, que lhes deu razão; porém o Conselho Privado da Rainha, em Londres, para o qual o Governador de Manitoba appellou, annullou o arêsto da Corte Suprema e reconheceu o character constitucional da lei de 1870.

Os catholicos de Manitoba não se deram entretanto por definitivamente vencidos e continuaram a lucta. Dirigiram-se ao Governador Géral do Dominio, o Sr. John Tompson, invocando, em seu favor, os termos do Acto da União de 1870. Este acto garante, com effeito, «o direito de appello para o Governador Geral, em conselho, contra qualquer acto da legislatura da provincia, que affecte os direitos ou privilegios da minoria catholica-romana dos subditos de Sua Magestade, relativamente á educação.»

Á vista da queixa dos catholicos de Manitoba, o Go-

vernador consultou á Corte Suprema, afim de saber se, apesar da decisão do Conselho Privado, elle podia intervir em abono da minoria reclamante. A Corte Suprema, decidindo não mais como tribunal deliberativo, mas simplesmente como um conselho consultivo do Governador Geral, acaba de dar o seu parecer contrario ás esperanças catholicas.

O Governo Federal do Dominio, á vista d'este parecer, julgou-se impossibilitado para intervir na questão, e a constitucionalidade da lei escolar de Manitoba foi definitivamente reconhecida e posta fóra de constestação.

**Suissa.**—Uma nova lei escolar, formulada para o cantão de Berna, foi submetida á votação do povo Bernense, a 6 de Maio ultimo, sendo approvada por 39.450 votos contra 29.333. Esta lei trouxe um certo numero de reformas, entre outras a da distribuição annual de 100.000 francos feita pelo Cantão ás communas, como subvenção á instrucção primaria, até então a cargo exclusivo d'estas; o aquecimento e illuminação das escolas, feitos até hoje a custa dos professores, passaram ao cargo das communas; os professores poderão ser aposentados depois de trinta annos de serviço e as professoras, depois de vinte e cinco; serão creadas escolas primarias superiores e complementares cuja frequencia será obrigatoria. A nova lei trará um augmento de despezas de 800.000 francos por anno, o que é certamente muito para uma população de 540.000 habitantes.

—Nos dias 1, 2 e 3 de Junho ultimo, teve lugar em Zurich a Assembléa Geral do *Schweizerischer Lehrerverein*. Este *Lehrertag* contou mais de dois mil participantes. Neste numero houve umas centenas de professores vindos da Suissa romana; a França era representada pelo inspector geral Yost, delegado do ministerio da instrucção publica.

A principal questão da ordem do dia foi a que ha muito preoccupa a opinião Suissa, isto é: a applicação do art. 27 da Constituição Federal, segundo a moção do Sr. Curti, apresentada a 20 de Junho de 1892, na qual convidava o Conselho Federal «a apresentar um relatório e proposições sobre a questão de saber si, com a execução do art. 27 da Constituição Federal que diz que o ensino primario será sufficiente, os cantões devem ou não obter o apoio financeiro da Confederação.» Approvada esta moção, o Sr. Schenk, chefe do departamento federal do interior, elaborou um projecto de lei, cujas disposições mais importantes foram:

«Serão concedidas pela Confederação aos cantões subvenções, para auxiliá-os na organização de um ensino pri-

mario sufficiente. Os cantões ficam distribuidos, durante um periodo de 5 annos, segundo o gráo de suas riquezas, em 3 classes: 1.<sup>a</sup> Baziléa-cidade, Genebra, Neuchatel, Zurich, Vaud, Glaris, Schaffousa e Zug, que receberão 30 centimos de subvenção, por cabeça de população domiciliada;— 2.<sup>a</sup> Soleure, Appenzell-Rhodes-Exteriores, Berna, Baziléa-Campestre, Unterwald-Obwald, Thurgovia, Lucerna, São-Gall, Argovia, Grisões, Friburgo, que receberão, 40 centimos, por cabeça;— 3.<sup>a</sup> Unterwald-Nidwald, Uri, Schwytz, Appenzell-Rhodes-Interiores, Valais, Tissino, que terão 50 centimos. Os cantões deverão apresentar um plano comprobatorio do emprego a dar ao subsidio federal e uma exposição detalhada do emprego já feito annualmente d'este subsidio; a approvação do plano poderá ser negada pela Confederação si a subvenção, ao todo ou em parte, for dispendida com o que os cantões ou as communas não empregarem sommas equivalentes. Uma commissão, nomeada pelo Conselho Federal, dará o seu parecer sobre as deliberações a tomar-se; esta commissão terá o direito de comunicar-se com as autoridades escolares dos cantões, de pedir explicações, fazer observações e explicar os pareceres.»

Interessante era o saber-se a maneira por que seria recebido este projecto pelo professorado. Um reporter da lingua allemã, o Sr. Largiadèr, director da escola feminina de Baziléa, e um outro da lingua franceza, o Sr. Gavard, ex-conselheiro do Estado de Genebra, professor da Academia de Neuchatel, tinham sido encarregados de apresentar um memorial e conclusões sobre a questão. Ambos, com ligeiras differenças nos detalhes, apresentaram *theses*, reconhecendo á Confederação o direito de intervir, não só para conceder subvenções aos cantões, como para tomar medidas com o fim de obrigar as autoridades cantonaes ao cumprimento do seu dever. A assembléa votou por unanimidade a moção seguinte:

«O 18.<sup>o</sup> *Lehrertag* Suiso, congregado em Zurich, applaude e approva o projecto Schenk. Confiadamente espera dos Conselhos da Confederação e do povo suiso que a questão da subvenção federal das escolas populares, tão vantajosa sob o ponto de vista do progresso escolar, fará objecto de um estudo attento e terá um fim proveitoso.»

Schenk, que se achava presente ao Congresso, tomou a palavra em um banquete e fez notar o perigo que correria á Suissa, si o espirito de reacção e desmoralisação conseguisse nella alçar o collo, e se os representantes dos cantões de Sonderbund conseguissem a adhezão da maioria; e terminou levantando um *toast* ao triumpho do espirito progressivo, que afastará da patria o perigo que ameaça-a.

**Allemanha.**— Houve na Baviera uma tentativa do partido ultramontano para desorganizar, no anno proximo passado, a Associação dos professores, e n'este sentido Wörle, agente dos clericos, propoz a revizão dos estatutos, que foi regeitado pelo congresso da mesma Associação. A campanha assim começada não devia parar ahi e appareceu logo, sob o pseudonimo de *Freimuth*, um pamphleto em que um jornalista catholico habilmente escolhera uma collecção de passagens do *Bayerische Lehrerszeitung*, órgão da Associação, de modos a escarnecel-a, ridicularizando as aspirações e os principios liberaes.

Este pamphleto foi respostado por uma brochura intitulada— *Os sentimentos dos ultramontanos para a escola e o professorado*, assignado por *Anti-Freimuth*.— Ao mesmo tempo os partidarios ultramontanos, com o fim de offerecerem concorrência á Associação, fundaram tambem uma outra, Sociedade Catholica,— em que teem conseguido introduzir um certo numero de mestres. Por occasião da discussão orçamentaria na Camara Bavarense, os chefes do partido, entre outros o professor Wörle, eleito deputado, desencadearam-se contra a escola, contra as tendencias irreligiosas dos professores, e forçaram o ministro a explicar-se á este respeito. O Governo tomou, nesta circumstancia, uma attitude muito differente da que o energico ministro von Lutz conservara, durante tantos annos: em face dos ataques dirigidos á escola.

As declarações do ministerio actual foram taes, que chegaram a fazer jús ás felicitações e agradecimentos dos bispos. A Associação dos professores, censurada e condemnada pela autoridade superior, nem por isso deixa de defender os direitos da escola contra a igreja: mas é pena termos de demonstrar que na Baviera a reacção parece ganhar terreno.

**Inglaterra.**— A lucta travada entre a maioria da *School Board* de Londres e a Associação dos professores metropolitanos acaba de entrar em seu periodo agudo.

Referimos em nosso numero passado a causa da lucta e dissemos que o abaixo-assignado, solicitando a dispensa de dar o ensino religioso, entregue na repartição da *School Board* a 10 de Maio ultimo, tinha a assignatura de 3.110 professores. Esta imponente manifestação era bastante para desconcertar os partidarios de Riley, Diggle e outros; mas entretanto não teve o effeito, como esperavam os adversos á circular, de produzir o arrependimento nos sectarios que a imprensa ingleza já se habituou a designar com o nome de *diggleistas*. O *comité* da administração escolar, composto de membros pertencentes exclusivamente

ao partido de Diggle, encontrou um meio original de sair-se d'esta triste posição, em que o collocou a energica attitude dos professores londrinos:— fingio crêr que os 3.110 signatarios tinham sido amedrontados pela Associação dos professores metropolitanos, e declarou ser de seu dever combater a *tyrannia* exercida pela Associação e de proteger a *liberdade* dos mestres; por consequente, não tomaria conhecimento da declaração de Gautrey, secretario da Associação, e só teria em consideração os pedidos de dispensa que lhe fossem dirigidos *individualmente*. Depois de discutida esta ideia em duas sessões, a *School Board* approvou-a por 20 votos contra 18, aceitando a 5 de Julho a moção seguinte do *comité* da administração escolar:

«O *comité* da administração escolar fica autorizado a dirigir uma carta á cada signatario do memoriaal transmitido por T. Gautrey, perguntando se deseja ser dispensado da obrigação de dar o ensino religioso, conforme a recommendação da circular de 13 de Abril de 1894. Se houver entre os professores quem não possa ministrar conscienciosamente este ensino, segundo foi recommendado, medidas serão tomadas afim de conceder a dispensa das lições da Biblia.»

Em resposta á esta decisão, a Associação celebrou a 11 de Julho um grande *meeting*. O presidente d'esta reunião chamou a attenção dos assistentes para a gravidade da situação:— é, disse elle, a propria existencia da Associação que está em jogo: recusa-se reconhecel-a como um meio legitimo de communicação entre os professores e a *School Board*; ataca-se o principio da liberdade que têm os preceptores de se confraternizarem entre si e de associarem-se para a defeza de seus interesses communs.

Depois de se fazerem ouvir diversos oradores, o *meeting* votou unanimemente esta breve resolução:

«O *meeting* decide que nenhuma resposta individual seja dada á carta da *School Board* relativa á circular, mas que seja respostada por um manifesto.»

Um projecto de manifesto foi lido pelo secretario e adoptado no meio de applausos. Nesta peça os professores declaram que, visto á *School Board* ter-lhes recusado o pedido colectivo de dispensa do ensino religioso, o ministrarão, *mas sem observancia da circular de 13 de Abril*, pois que consideram esta ultima como um *test* religioso, e mais uma vez pedem á *Board* que a retire; emfim acrescentam que ficaram sobre modo admirados de ver a *Board* recusar-lhes um pedido colectivo, sob o protesto de lhe ter sido transmittida pela Associação: que não podem interpretar esta conducta senão como uma tentativa de quebrar a sua organização, tentativa esta a que resistirão decididamente custe o que custar.

As cousas estão n'este pé. Os mestre-escolas londrinos



parecem resolvidos à conservarem-se nesta attitude até o fim, e aquelles mesmos d'entre elles, que poderiam, sem escrupulo, consentir em ministrar o ensino dogmatico sem o dever de fazer causa commum com os seus collegas, na defeza da liberdade de consciencia ameaçada. De outro lado, os partidarios de Diggle não recuarão. Felizmente o *mandatum* da *School Board* toca ao seu termo, e em Novembro proximo futuro o eleitorado de Londres terá de escolher novos representantes. E assim acham os actuaes uma saída satisfatoria da situação que os *diggleistas* com tanta inepecia se crearam.

Um homem, cujo elevado conceito em materia de educação é universalmente reconhecido, o Sr. Fritch, ex-inspector das escolas normaes, escreveu a proposito na *Nineteenth Century*:

«Uma pesada responsabilidade cabe a Riley e a seus amigos, por terem exigido que a adopção de dogmas theologicos controversos formasse a base do ensino religioso e moral nas escolas mantidas á custa dos contribuintes... Christãos e não christãos teem ficado igualmente escandalizados com a perda de tempo e prejuizos dos trabalhos administrativos de que têm sido causa estes lastimosos debates, e sobre tudo com a acrimonia, vulgaridade e ton tão pouco religioso, que teem caracterizado a discussão de uma questão relativa a interesses tambem sagrados.»

**Roma antiga.**—Demos o braço ao nosso viajante e procuremos saber com elle o que era a chamada outr'ora — *fogueira imperial*. Ouçamol-o:

Resta-nos explorar uma parte apenas do Campo de Marte, que fica visinha do mausoléu de Augusto.

Chegando-se á rua *della Ecrofa*, proximo da igreja Santo Agostinho, achamo-nos no mesmo logar onde outr'ora se erguia o *bustum* imperial: aqui vinha acabar a gloria dos senhores do mundo. Ainda antes de aguardar os estragos da sepultura, era seu corpo reduzido a cinzas. Accendida primeiro para queimar a corpo de Augusto, a fogueira tornou-se permanente e servio para consumir os seus successores.

Que de graves pensamentos surgem d'este logar tantas vezes testemunha da vaidade das grandezas mais espantosas que o homem póde alcançar! O monumento fatal, que servio para reduzir a pó tantos Cezares divinizados, pereceu como elles e não restam d'elle senão o sitio e a recordação; mas com a historia na mão é possível reconstruil-o e estudal-o.

Afigure-se um templo quadrangular, formado de duas enormes pilhas de linha, cujo interior está cheio de materias combustiveis, e o exterior, coberto de tapeçarias recamadas de ouro e adornado de pinturas e estatuas. Este templo compõe-se de 4 andares abertos, diminuindo um sobre o outro, de modo que o segundo é menor do que o primeiro, o terceiro, menor do que o segundo, e assim consecutivamente. Quando Augusto morreu expuseram-n'o por espaço de sete dias no vestibulo do *palatium*. Sobre um leito vasto e elevado, ornado de ouro e de marfim e coberto de purpura bordada a ouro, via-se uma estatua de cera á semelhança do imperador. Ai! o senhor do mundo já não era mais do que um cadaver, e para o esconder das vistas, havia-se reservado um logar na parte inferior do leito, para nelle encerrar o verdadeiro corpo. Augusto era representado deitado, vestido com as roupagens triumphaes e tendo toda a pallidez de um doente.

Junto do leito conservava-se um moço e bello escravo que, com um leque de pennas de pavão, espantava as moscas que buscavam pouzar sobre o rosto do principe, como para lhe proteger o somno. Em volta do leito, viam-se assentados, durante a mór parte do dia, á esquerda, todo o senado trajando lucto, e á direita, as matronas distintas pelas dignidades de seus maridos e parentes. Não traziam enfeites de ouro, nem collares; todos vestiam simples togas brancas, e permaneciam na attitude de profunda tristeza. Durante os sete dias, os medicos se apresentavam quotidianamente, como se visitassem um doente, e diziam de cada vez: «Vae peor.»

No dia das exequias, os consules, designados previamente, dirigiram-se á casa Palatina, afim de fazerem o levantamento do leito funerario, que quarenta soldados pretorianos tomaram em seus hombros. Diante do leito estava postada uma estatua da Victoria, que, por uma lisonja assaz delicada, quizera o Senado fazer apparecer nesta pompa funebre, como se esta deusa fosse tambem da familia dos Cezares.

Era acompanhada de duas estatuas de Augusto: uma de ouro em cima de um andor, destinada a receber as honras divinas, e a outra num carro triumphal.

Vinham depois os bustos, não só de todos os avós da familia imperial (excepto Julio Cezar, *por causa de sua divindade*) — senão os de todos os romanos que, desde Romulo, se haviam illustrado pelas suas bellas acções. Entre os bustos e estatuas, appareciam tambem os paineis, em que se viam os titulos de todas as leis promulgadas e o nome de todas as nações vencidas por Augusto.

Multidão de moços e moças acompanhavam a pom-

pa funebre, cantando poemas em honra do defunto. O senado, os cavalheiros, os soldados pretorianos e uma concorrencia enorme de cidadão fechavam a marcha. Todos iam vestidos de lucto, e tinham deixado os aneis de ouro para tomarem outros de ferro. Chegado ao fôro, parou o cortejo. Houve duas orações funebres: uma pronunciada por Tiberio e outra, pelo joven Druso. Os senadores, como elles proprios haviam decretado, vieram por sua vez carregar o leito aos hombros para o levarem á fogueira; collocarm-n'o sobre o 2.º andar do templo improvisado, cuja volta deram processionalmente os pontifices e os sacerdotes.

O cortejo os seguiu, e cada um lançou, ao passar, perfumes, plantas odoríferas, aromas de todas as especies, armas de honras recebidas outr'ora pelos soldados, em consequencia de seus bellos feitos de guerra. Tiberio e a familia imperial foram dar o ultimo beijo na testa de Augusto; collocaram-se depois numa tribuna, e distribuiram-se tochas aos centuriões que inflamaram a fogueira. No mesmo instante, soltou-se do templozinho uma aguia que, elevando-se rapidamente á cima dos turbilhões de chamma e fumo, dirigio o vôo para o céu como que para levar para alli a alma do illustre morto. Livia e os principes cavalheiros, de simplices tunicas, sem cinto e com os pés descalços, conservaram-se cinco dias ao pé da fogueira, recolheram as cinzas do imperador e as conservaram no seu mausoléu.

Este soberbo monumento, construido pelo proprio Augusto, compunha-se de uma grande torre redonda muito alta, de tres andares concentricos, o segundo dos quaes era de um diametro muito menor do que o primeiro e o terceiro, menor do que o segundo.

O espaço deixado por cada andar era plantado, em seu circuito, de arvores que, não despindo nunca a sua verdura, faziam agradável contraste com as pedras do edificio, construido todo de marmore branco. Uma estatueta de bronze do imperador formava o remate do ultimo andar. Na parte inferior do mausoléu, haviam *loculi* (logares) para as cinzas do principe, de seus parentes e de seus amigos. Por traz estendia-se um bosque sagrado, com passeios abertos ao povo; depois uma praça rodeada de duas cercas: uma de marmore e outra de ferro, precedida de dois obeliscos de 60 pés de altura e de uns 20 pedaços de granito oriental: — tal era o mausoléu de Augusto.

Como a dos Cezares, foram as cinzas de Augusto lançadas ao vento; mas emfim repousaram neste lugar. Porque meio tinham podido distinguil-as das cinzas da lenha que servio para consumir o cadaver imperial? E' uma questão que não carece de interesse; mas a reposta

exige alguns pormenores. O resultado de que fallo era devido ao emprego da camisa de amianto, em que eram envolvidos os corpos destinados á fogueira. Todos sabem que o amianto é um mineral fibroso, de côr parda ou chumbada, de que se faz um tecido que resiste perfeitamente á acção do fogo.

O amianto encontra-se sobre tudo na Carsega, em Chypre, na India, nos Pyrines e ainda nos Alpes. Quanto ao modo de pô-lo em obra, pega-se na pedra e deita-se em agua quente, onde se conserve mais ou menos tempo, conforme a temperatura do banho. Depois tritura-se, amassa-se com as mãos, para fazer sair d'ella uma especie de terra esbranquiçada semelhante á cal. Esta terra forma o vinculo que reúne os filamentos do amianto. Quando a agua, em que se effectua esta operação, es torna branca, espessa, substitue-se por outra, continuando a manipulação, até que o mineral esteja inteiramente desembaraçado das substancias estranhas. O amianto reduzido a filamentos é exposto em uma cançada para seccar. Pega-se depois em dois pentes, semelhantes aos que servem para cardar ou pentear a lã, e pentea-se devagarinho o amianto.

Quando os cardos estão cheios, põem-se um sobre o outro e collocam-se em cima de uma meza: é a roca. Com uns ganchinho, em forma de fuço, tiram-se os filamentos, reúnem-se uns poucos, faz-se girar o fuço e obtém-se o fio. Durante esta operação o trabalhador terá o cuidado de molhar em azeite o indix e o pollegar, porque, de um lado, o fio de amianto corta e esfolia e, de outro lado, o azeite abranda o filamento e o torna mais facil de fiar.

A longa duração do trabalho, e sobretudo a raridade do mineral, dão uma ideia das riquezas dos romanos, que empregavam os tecidos do amianto em camizas funerarias e tambem em roupa de meza. Para lavar esta roupa de nova especie, basta lançal-a ao fogo, de onde sai purificada de todas as nodoas e no seu primitivo estado. Como os fios de amianto são naturalmente seccos, de modo que basta a simples fricção para quebral-os, são conservados em azeite, e toda a vez que se quer fazer uzo de roupas fabricadas com elles, passam-se pelo fogo.

Era assim que a mesma camiza funeraria podia servir muito tempo á uma familia.

---

#### EXPEDIENTE

Por ter soffrido um pequeno desarranjo o prelo das officinas onde fazemos a impressão da nossa "Revista", por isso retardamos a publicação do presente n.º Pedimos desculpas aos nossos leitores por esta falta.

---

# MARAVILHOSA    DESCOBERTA

## Pilulas do Dr. C. Novaes

Preparadas especialmente para este clima as PILULAS DO DR. C. NOVAES são as que melhores resultados tem dado na cura das

### Febres Palustres ou Sezões

AS PILULAS DO DR. C. NOVAES combatem as sezões e todas as febres de fundo palustre.

AS PILULAS DO DR. C. NOVAES debellam a inflammação do figado, que resulta das sezões.

AS PILULAS DO DR. C. NOVAES sendo ligeiramente purgativas, combatem a opilação de inchação ou quasi sempre acompanha aquella enfermidade.

AS PILULAS DO DR. C. NOVAES evitam as recaídas constantes uma vez que o doente guarde a dieta precisa.

Vós, que soffreis de sezões tomae as verdadeiras—PILULAS DO DR. C. NOVAES!

Vós, que tendes o figado inflammado em consequencia de repetidos accessos de sezões, lancae mão das—PILULAS DO DR. C. NOVAES!!

Vós, que estaes opilado, que tendes os rostos e as pernas inchadas, não tenhas a menor duvida em uzar sad maravilhosas—PILULAS DO DR. C. NOVAES!!!

Não é uma panacéa que annuncia-se, o auctor garante os bons effeitos das—PILULAS DO DR. C. NOVAES porque até hoje ainda não falhou uma só vez e o emprego d'estas pilulas cresce de dia para dia.

As verdadeiras—PILULAS DO DR. C. NOVAES—levam a sua assignatura em tinta preta e encarnada.

### Antonio Paulo da Silva

Para negocios de grande interesse para este enhor que é natural do Maranhão, e que embarcou em Manãos como praticante de pratico no vapor *Flamingo*, precisa-se, com urgencia, de informações exactas sobre o seu paradeiro actualmente.

Na Livraria «Bittencourt,» á rua 15 de Novembro desta Capital, onde serão recebidas as ditas informações, gratifica-se muito generosamente a que dêr verdadeira noticia do referido r. Antonio Paulo da Silva.

Pede-se tambem a todas as redacções de jornaes que este virem, o obsequio de transcrevel-o para mais facilmente conseguir o fim a que se destina.

Pará 4 de Setembro de 1894.



Recebem-se annuncios

## REVISTA DE EDUCAÇÃO E ENSINO

AOS SRS. EDITORES E AUCTORES

A *Revista* dará uma noticia bibliographica completa ou, conforme a importancia da obra, um artigo critico sobre os livros que lhe forem remettidos, principalmente sobre aquelles que interessarem o seu fim principal.

*As assignaturas e annuncios tomam-se exclusivamente na Livraria Bittencourt. Rua 15 de Novembro.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida:

Ao Director da REVISTA DE EDUCAÇÃO E ENSINO

Caixa do Correio, 312 — PARÁ

Editores—Tavares Cardoso & C.<sup>a</sup>—Editores

LIVRARIA UNIVERSAL

JOSE VERISSIMO

# SCENAS DA VIDA AMAZONICA

Com um estudo sobre as populações indigenas e mestiças da Amazonia

I volume 3\$000 réis

## ESTUDOS BRAZILEIROS

LITTERATURA, HISTORIA, ETHMOGRAPHIA, CRITICA

I volume 3\$000 réis

Pará—LIVRARIA UNIVERSAL DE TAVARES CARDOSO & C.<sup>a</sup>—Brazil

RUA DO CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO

### AS PILULAS ANTI-FEBRIS

DO

Dr. Souza Castro, Barão de Anajás

CURAM AS SEZÕES E SUAS CONSEQUENCIAS, O RHEUMATISMO INFECCIOSO, ETC., SÃO AS MAIS BARATAS

### Agua alcalino arsenical lithinada

DO

Barão de Anajás

É vantajosamente empregada no tratamento da diabetes, nephrite, affecções da pelle, rheumatismo, molestias dos pulmões e do aparelho gastro-intestinal, anemia e nevrose em geral.

Deposito na T. 7 de Setembro n. 20, escriptorio de J. Taveira

### Productos da Chocolateria Paraense

Chocolate fino, superfino e especiaes, preços de meio kilo—  
1\$000 réis a 2\$000 réis.

Cacão pulverisado, 250 grammas 1\$000 réis; 500 grammas,  
2\$000 réis.

Manteiga de cacão, kilo 4\$000 réis.

Farinha de castanha, kilo 1\$500 réis.

Azeite doce refinado de castanha, para meza e cosinha, garrafa  
1\$500 réis.

### Chocolate Paraense Iodado

*Approvado pela Inspectoria de Hygiene e por ella aconselhado ás pessoas debilitadas, convalescentes, ás que soffrem de molestias pulmonares e outras affecções dyscrasicas e adynamicas.*

### Remedio efficaz

Attestamos que em nossa clinica temos obtido bons resultados do emprego do *Chocolate Paraense Iodado*, preparado na Chocolateria Paraense, nos casos de tísica pulmonar, chlorose e chloro-anemia, anemia em geral, rachitismo, escrophulas, affecção dos ossos, debilidade geral e convalescenças.

Recommendamos, pois, este excellente preparado como um reconstituente poderoso, e que pôde ser usado sem inconveniente por qualquer pessoa.

Pará, 16 de Outubro de 1891.

*Barão de Anajás.*

*Dr. Luiz Bahia.*

*Dr. Americo M. Santa Rosa.*

*Dr. Silva Rosado.*

*Dr. Pereira de Barros.*

*Barão da Matta Bacellar.*

Deposito Central á Estrada de S. José n. 69